

Enchentes obrigam ampliação de planos prévios de prevenção

AUGUSTO TOMASI/DIVULGAÇÃO/JC

No contexto da tragédia ambiental que se abateu sobre o Rio Grande do Sul e, até o fim da semana passada, vitimou 163 pessoas em todo o Estado, mesmo setores econômicos intimamente ligados à gestão do clima, como o vitivinícola, foram absolutamente pegos de surpresa com o volume pluviométrico registrado ao longo de maio.

“Sendo bem sincero, ninguém imaginava que haveria uma precipitação de 640 milímetros”, constata Alexandre Angonezi, diretor administrativo da Cooperativa Vinícola Garibaldi, que reúne mais de 450 pequenos produtores de uva em uma média de três a quatro hectares de vinhedos.

Ainda que a gestão de riscos climáticos seja uma atividade cotidiana para as vinícolas, os planos de resiliência ambiental e voltado a emergências terão

de ser revistos para incorporar a nova realidade climática com que o RS já convive e que gera incerteza em relação ao futuro. “A mudança climática figura entre as principais preocupações que temos. Algumas ações já são praticadas, outras ainda precisamos estruturar”, explica o executivo.

Mesmo assim, as medidas de resiliência e riscos da vinícola, partem do planejamento estratégico, que consideram conceitos de ESG, amenizam muitos dos danos que poderiam atingir as atividades da Garibaldi. “Temos nosso Comitê Geral de Governança, que trata dessas questões quando, por exemplo, se institui uma crise”.

Entre essas ações, está a pulverização da produção de uvas. “Estamos atuando em 18 municípios da região. Por essa distribuição mais abrangente, os riscos se diluem. Nessa situação de agora,

o levantamento de danos constatou 10 hectares de produção perdidos em um universo de 1.200 hectares de parreirais”, contabiliza. “Sabemos que se tivéssemos essa produção concentrada no local, e esse local fosse afetado, como aconteceu em outras vinícolas, teríamos um impacto muito maior.”

Outra iniciativa da vinícola é o estabelecimento de um vinhedo experimental que estuda o comportamento de mais de 60 variedades vitícolas de diversos países. “Uma das características buscadas está nas variedades resistentes, as variedades PIWI”, conta, apontando uvas menos propensas a infecção por fungos, por exemplo. Junto com isso, a empresa propaga entre os produtores cooperados técnicas para um manejo mais adequado de insumos, otimizando a produção



Pulverização da produção de uvas beneficiou vinícola Garibaldi, conta Angonezi

e aprimorando a qualidade. Além disso, a Garibaldi se baseia nas medições de três estações meteorológicas próprias.

“Também há três anos ministramos um curso de gestão da propriedade rural que engloba

entre seus módulos a gestão de riscos. É uma soma de fatores, reunindo conhecimentos internos e parcerias externas, que a gente procura adotar para podermos nos antecipar a eventos severos”, assegura Angonezi.

Estratégia de resiliência climática permitiu auxílio à comunidade durante a tragédia

A diferença que planos de resiliência e mitigação de desastres pode fazer diante de um evento climático e ambiental de grande magnitude pode significar não só a amenização de danos, mas possibilitar que a empresa seja um ponto de apoio à comunidade afetada por catástrofes.

Fundada em 1992, mesmo ano da Rio +92, a Quinta da Estância, em Viamão, voltada à área de ecoturismo e educação ambiental, tem uma política interna de resiliência que torna a propriedade, junto com a Estância das Oliveiras, dedicada à olivicultura e produção de azeites, autossuficiente no abastecimento

de água e energia. Isso possibilitou, além de permanecer livre de cortes de energia e água no período mais agudo das chuvas de maio, que a propriedade abastecesse caminhões-pipa para as comunidades em torno da fazenda e hospitais da Região Metropolitana, em um total de mais de 500 mil litros.

Segundo Rafael Goelzer, diretor de Relacionamento com o Mercado e também diretor na Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul (Federasul), as ações de resiliência, somadas a diversas iniciativas de preservação do meio ambiente e combate ao aquecimento global, representam 20% das despesas fixas da empresa mensalmente, desde o início.

“Desde 1992, a gente já começou essas ações com o plantio de árvores. Tínhamos uma região que, devido ao uso para pastagem animal, era desnuda e vulnerável às chuvas intensas. Então, neste período, ti-

vemos o plantio de mais de 60 mil árvores, entre matas nativas e ciliares, garantindo que nascentes e córregos se manterão mais íntimos. As raízes seguram a chuva, deixam o solo mais permeável e com mais capacidade de absorção de água”, explica.

Além disso, a instalação de uma unidade biológica de tratamento de efluentes tornou possível o consumo de água dos lençóis freáticos existentes sob a propriedade. Junto com a geração de 100% da energia elétrica por fontes renováveis e sua distribuição subterrânea, também sempre há energia disponível para a Quinta da Estância e a Estância das Oliveiras, em um fornecimento que não está sujeito ao principal fenômeno climático extremo que atinge a empresa: as ventanias, que costumam provocar interrupção com a queda de postes e fios de eletricidade. “Com isso, o bombeamento dos poços artesianos não foi interrom-

pido, garantindo a doação de água à comunidade”, celebra Goelzer.

Outro cuidado contra os ventos envolveu a construção das benfeitorias da propriedade em harmonia com as características do terreno, tornando as instalações mais resistentes.

Ainda que a conduta de longo prazo permita à empresa minimizar a possibilidade de danos, Goelzer pontua que a Quinta da Estância também possui uma estratégia voltada a emergências. “Em eventos com estruturas temporárias, que não suportam um clima extremo, temos um plano de evacuação para os prédios. Isso é necessário para o dia-a-dia, na proteção de nossa equipe que fica aqui a semana toda, os tratadores, tratoristas, etc.”, detalha.

Por fim, a empresa está protegida contra danos com o apoio de um seguro das estruturas da fazenda e que cobre fenômenos extremos.

ARQUIVO PESSOAL/DIVULGAÇÃO/JC



Goelzer destaca ações de preservação e mitigação de danos ambientais

* Livia Araújo é jornalista formada pela Universidade Estadual Paulista. Já atuou nas redações da Gazeta do Povo, DCI e Jornal do Comércio e passou pela Diadorim Editora.

PLANO DE GERENCIAMENTO DE RESÍDUOS (PGRS),
ASSESSORIA EM LICENCIAMENTO AMBIENTAL E LAUDO DE COBERTURA VEGETAL.
ACESSE NOSSO SITE E CONHEÇA NOSSOS SERVIÇOS

51 99975.0551 | 99988.0104

www.nichosconsultoria.com.br

